

Mercado reduz projeções de crescimento do PIB em 1998

Economia — Brasil

Economistas e consultores já não acreditam que a economia crescerá 2% este ano

DENISE NEUMANN

O Brasil deve encerrar 1998 com um crescimento inferior a 2%, segundo especialistas. Alguns economistas e consultores acreditam que, se o governo quiser ver sua estimativa de 2% de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) cumprida, deverá adotar novas medidas de estímulo à atividade. Afinal, o ritmo de crescimento da economia no segundo trimestre e no mês de julho ficou abaixo da expectativa e provocou, segundo os dados de junho da Federação das Indústrias no Estado de São Paulo (Fiesp), formação indesejada de estoques.

O governo já reduziu o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) de 15% para 6%, diminuiu o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos automóveis em cinco pontos percentuais, destinou R\$ 6 bilhões para o financiamento imobiliário e alterou regras para facilitar contratação por jornada inferior a 44 horas semanais. Outras medidas aconselhadas pelos economistas são a redução dos compulsórios bancários (quantias que os bancos precisam recolher junto ao Banco Central e que acabam provocando encarecimento do crédito) e redução de tributos que incidem sobre aplicações.

A MCM Consultores já revisou para baixo sua estimativa para o PIB este ano. Os 2% anteriores estão dando lugar a uma estimativa menos otimista: entre 1,5% e 1,7%. O PIB industrial sofreu um ajuste mais intenso: os 2,5% previstos de-

ram lugar a uma estimativa de 1,5% de alta em 1998. Para a área econômica do Banco Santander, a estimativa de 2% (feita no início do ano) já foi abandonada e 1,8% passou a ser o "teto" das projeções. O Departamento Econômico do Citibank trabalha com uma elevação de apenas 1% do PIB.

O presidente do Conselho de Administração da Sadia, Luiz Fernando Furlan, está bastante preocupado com o ritmo de atividade da economia. "Nem a Copa do Mundo aumentou as vendas nos supermercados", pondera, observando que os "feriados" não podem ser usados como desculpa para as vendas fracas em alguns setores.

Nilton Rosa, economista-chefe da MCM, diz que os fornecedores de infraestrutura, de segmentos privatizados e de exportação de manufaturados estão sustentando o nível de atividade, mas não são setores com dinâmica capaz de fazer a demanda crescer e retomar o crescimento.

Para o economista-chefe do Banco Santander, Dany Rappaport, o ritmo de atividade passou a ser a principal preocupação da equipe econômica. "O governo precisa encontrar uma fórmula para dinamizar a economia, do contrário não terá impactos positivos sobre emprego e demanda", observa. Essa preocupação, diz, vai além da eleição de outubro e chega a 1999. "Vai ser difícil explicar um segundo ano com crescimento muito baixo".

Nos meses de março e abril, o consumo cresceu mais do que o esperado e muitas empresas aumentaram o ritmo de produção. "O erro foi avaliar que a recuperação havia começado naqueles meses", diz Carlos Guzzo, superintendente do Departamento de Análises Econômicas do Banco Pontual.

CITIBANK
TRABALHA COM
ESTIMATIVA
MAIS BAIXA: 1%

PAULO

STADO

PAULO

STADO

PAULO